

O CASO TIMOTHY EVANS REVISITADO: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA FORENSE DE JAN SVARTVIK PARA UMA LINGUÍSTICA APLICADA

The Timothy Evans Case revisited: contributions of Jan Svartvik's Forensic Linguistics towards an Applied Linguistics

Mariana FUCCIO

Universidade Federal de Ouro Preto
marianafuccio@gmail.com

Fernando LIMA

Universidade Federal de Ouro Preto
limafsl14@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8419-8293>

RESUMO: A Linguística Forense (LF) une as áreas da Linguagem e do Direito em função de reparar problemas de uso da linguagem no ambiente jurídico, criminal e investigativo e toma como alicerce a Linguística Aplicada. Este artigo se debruçou sobre a análise pioneira em LF realizada pelo linguista Jan Svartvik em 1968 intitulada “*The Evans Statements: A Case for Forensic Linguistics*”. Buscamos reconstituir a narrativa do caso Timothy Evans através de quatro depoimentos dados por Timothy a Delegacia de Polícia, também buscamos resgatar o legado da análise de Svartvik, sendo ela tão importante para origem da LF, mas pouco acessada no Brasil, seja pela linguagem complexa, seja pelo acesso ao texto original. Além disso, visamos uma reflexão sobre as mudanças metodológicas que guiaram o desenvolvimento da LF enquanto campo de estudo, ressaltando a formação acadêmica de Svartvik que impactou esta primeira análise. Por fim, esta pesquisa contribui na divulgação científica da Linguística Forense como campo de expansão dos estudos voltados para a compreensão da linguagem como forma de interação nas diferentes esferas sociais da vida cotidiana e na construção de diferentes discursos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada, Linguística Forense, Caso Evans, Jan Svartvik.

ABSTRACT: Forensic Linguistics (FL) unites the areas of Language and Law in order to solve problems of language use in the legal, criminal and investigative environment and takes Applied Linguistics as foundation. This article focuses on the pioneer analysis in FL by linguist Jan Svartvik in 1968 entitled “The Evans Statements: A Case for Forensic Linguistics”. We seek to reconstitute the narrative of the case Timothy Evans through four testimonies given by Timothy to the police station; we also seek to review the legacy of Svartvik and his work

to the origin of LF, not often available for Brazilian readers, due to complex language, or by lack of access. In addition, we aim to reflect on the methodological changes that guided the development of FL as a field of study, highlighting the academic training of Svartvik and how it affected his first analysis. Finally, this research contributes to the scientific dissemination of Forensic Linguistics as a field of expansion of studies focused on language as a form of interaction in different social spheres of everyday life and in the construction of different discourses.

KEYWORDS: Applied Linguistics, Forensic Linguistics, Evans Case, Jan Svartvik.

INTRODUÇÃO

Os estudos em Linguística Forense (LF), primordialmente, integram aspectos da investigação criminal ao uso da linguagem (em suas diversas manifestações) na vida cotidiana e têm buscado dialogar com diferentes campos linguísticos, mais especificamente o da Linguística Aplicada (LA). Compreende-se que a LA é uma disciplina que busca compreender e atingir soluções para problemas linguísticos da ordem do uso da linguagem em seu contexto de prática. Os estudos dentro da LA, passam pela identificação de conflito linguístico (o objeto), o reconhecimento daquele contexto específica que envolve o objeto (os seus agentes, meio cultural, político, social), a realização de uma investigação que parte da prática, levando em conta os seus participantes e suas percepções sobre o objeto (quem utiliza cotidianamente dessa linguagem, o que ela gera para o meio em que se insere, etc.) e, por último, a investigação deve trazer uma conclusão que contribua diretamente para os seus participantes e seu meio.

Todos estes processos de estudo e análise passam por atravessamentos interdisciplinares (Celani, 1992) e transdisciplinares (Cavalcanti; Signorini, 1998), isto é, há pontos de intersecção entre diversas áreas do conhecimento, sobretudo no campo das ciências humanas e sociais, que contribuem para uma melhor compreensão e elaboração do desfecho dos conflitos linguísticos, uma vez que o uso da linguagem está dentro de todas as áreas como ferramenta de comunicação e pode ser problematizada pela LA. Um grande exemplo de atividades realizadas pela LA são os estudos de prática e ensino de línguas estrangeiras, já que o ambiente educacional exige um preparo intensivo sobre a realidade dos alunos e professores, que é bastante específica e variável, para que haja qualidade de ensino e aprendizagem. Vale ressaltar, no entanto, que questões de uso da linguagem extrapolam os limites da sala de aula e se relacionam aos demais contextos da atividade humana (trabalho, lazer etc.) onde encontramos pessoas interagindo e, por isso, há sempre a possibilidade que problemas de uso da linguagem (Celani, 1992) possam ocorrer em outras práticas linguísticas.

Ao compreender o que é e como se organiza a pesquisa em LA, percebe-se que a Linguística Forense (LF) se enquadra neste campo (Olsson, 2008; Lima; Fuccio, 2022; Fuccio; Lima, 2023). A LF é um recente campo do conhecimento que analisa fenômenos linguísticos dentro do espectro jurídico, como leis e contratos, avalia a fala-em-interação em interrogatórios policiais, delegacias, tribunais, entre outros espaços legais buscando compreender e solucionar

problemas. Além disso, ela também auxilia em investigações criminais e na produção de provas periciais com o intuito de determinar a autoria de um crime (Almeida; Coulthard; Sousa-Silva, 2020; Colares, 2016; Coulthard; Johnson; Wright, 2017; Coulthard; Colares; Sousa-Silva, 2015; Gibson; Turell, 2008; Konrad; Ostermann, 2019; McMenamin, 2002, Olsson, 2004, 2008; Lima; Fuccio, 2022; Fuccio; Lima, 2023). Mesmo com vasta gama de materiais que podem ser analisados e investigados pela LF, o campo é recente no Brasil e vem se intensificando nas últimas décadas, assim, é crescente o interesse de estudantes e pesquisadores/as que buscam compreender mais e amplificar a popularidade do novo campo dentro da academia.

O termo *Forensic Linguistics*, do inglês, foi apresentado pela primeira vez no ano de 1968 em um artigo intitulado de *The Evans Statements: A Case for Forensic Linguistics* escrito pelo linguista sueco Jan Svartvik, especialista bastante conhecido na Linguística de Corpus e presidente da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) entre 1981-1984. O manuscrito contém quatro depoimentos de Timothy Evans, um homem jovem de 25 anos, analfabeto, que se autodeclarou culpado pela morte de sua esposa e filha, no ano de 1949 em território inglês. No decorrer dos depoimentos, Timothy relata todos os detalhes da relação com sua esposa, Beryl Evans, de 18 anos. As dificuldades financeiras do casal e um período de fortes brigas e discussões, por exemplo, são mencionadas no primeiro dos depoimentos, intitulado de MT1 (que designa o primeiro depoimento feito na delegacia de polícia de Merthyr Tydfil). Neste relato, Timothy diz que sua esposa morreu após ingerir um remédio abortivo, não menciona a morte de sua filha Geraldine, um bebê de 3 meses, e se autodeclara culpado por ter permitido que sua esposa fizesse o procedimento em casa. Já no depoimento intitulado de NH2 (que designa o segundo depoimento feito na delegacia de polícia de Notting Hill) Timothy muda o seu discurso e relata ter estrangulado a sua esposa e depois a sua filha. E mesmo em face dos relatos discrepantes e controversos, no dia 3 de dezembro de 1949, Timothy Evans foi formalmente acusado de assassinato e no dia 13 de janeiro de 1950 foi condenado a pena de morte por enforcamento.

Dezoito anos depois, em 1968, a análise de Svartvik dos depoimentos de Timothy Evans, ficou evidenciado de forma consistente as razões da injustiça cometida contra Timothy. Do ponto de vista do uso da linguagem contida nos depoimentos, foi apontado que houve manipulação do texto, ou seja, todo o relato de Timothy confiado a polícia, redigido e depois julgado não condizia com os fatos, já que a análise apontou incongruências na linguagem

utilizada em determinados trechos do depoimento, principalmente nos trechos em que Timothy, supostamente, confessa seus crimes.

Dentro do percurso histórico da LF, a análise de Svartvik foi o que garantiu um alicerce para a área, tanto no pioneirismo do uso do termo *Forensic Linguistics*, quanto nas primeiras análises linguísticas em contexto legal, durante as décadas de emancipação da Linguística Aplicada como disciplina. A análise linguística de Svartvik se dá através do estudo das construções sintáticas e semânticas, mas, sobretudo a partir das variações do padrão do corpus linguístico - os depoimentos de Timothy - que evidenciaram uma manipulação do discurso.

E a partir do pioneirismo deste trabalho, pesquisas contemporâneas têm buscado avançar esta área de investigação incorporando perspectivas de outros campos como o da Análise do Discurso Crítica (Fairclough, 1999) e da própria Linguística Aplicada (Pennycook, 1990; Celani, 1992; Cavalcanti e Signorini, 1998; Moita Lopes, 2006; Menezes, Silva e Gomes, 2009; Kleiman, Vianna e Grande, 2019). Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou contribuir para o cenário atual, pois se orienta na divulgação científica da área da LF e principalmente em um estudo bibliográfico que buscou resgatar o papel das contribuições do caso Evans, que, apesar de muito citado entre pesquisadores brasileiros, é pouco detalhado nos textos de LF em língua portuguesa.

LINGUÍSTICA APLICADA E LINGUÍSTICA FORENSE

Para que haja um maior entendimento sobre o que é a Linguística Forense (LF) e por quais razões o caso Timothy Evans é importante para este campo, antes disso, é necessário tecer alguns comentários sobre a área da Linguística Aplicada (LA) e sua produção de conhecimento. A LA é um campo de pesquisa que tem como objeto de trabalho o uso da linguagem em algum contexto específico, buscando compreender melhor a sua complexidade e a função de seus participantes, no intuito de propor alguma reparação aos possíveis conflitos de linguagem existentes (Moita Lopes, 1998). Com isso, faz parte da definição de LA o seu aspecto inter/transdisciplinar (Cavalcanti; Signorini, 1998), isto é, um mecanismo da pesquisa científica que se alonga a outras disciplinas em torno do objeto, sendo de suma importância o diálogo com outras áreas, sobretudo das Humanidades, para que seja realizado um trabalho pertinente para o meio social a partir de suas próprias metodologias e análises. Segundo Guattari (1992), a transdisciplinaridade é essencial a todas as Ciências Humanas por ser ela a grande área

responsável pela transformação social. Dessa forma, entendemos que LA contempla esse traço em sua natureza (Cavalcanti; Signorini, 1998), que impacta diretamente na semiótica dos ambientes em que trabalha, sendo necessário esse atravessamento entre as áreas do conhecimento relevantes em dado ambiente, onde diferentes pessoas se comunicam para os mais variados propósitos.

De forma concisa, a linguista aplicada Maria do Carmo Leite Oliveira explicou em uma entrevista às organizadoras do livro *Linguística Aplicada em Contextos Legais* (Silveira, Abritta; Vieira, 2015), que a LA tem um compromisso com a construção de uma sociedade “mais igualitária, mais justa e mais eficiente” (2015, p.10), ao realizar um estudo sobre as práticas profissionais trazendo resultados pertinentes para tornar “a prática mais eficiente, as pessoas mais satisfeitas e o país mais cooperativo.” (2015, p.10).

Assim, compreende-se a Linguística Aplicada como uma área do conhecimento ativa no ambiente em que se propõe trabalhar, sendo caracterizada por um forte compromisso social, se atentando para as individualidades dos sujeitos agentes naquele ambiente e para a forma que a produção e enunciação do discurso nesse ambiente constroem a vida social. Diante do seu caráter inter/transdisciplinar e do seu compromisso social, a Linguística Aplicada permeia diversos contextos, como as escolas, os hospitais, associações, empresas, delegacias, tribunais etc, o que expande seu campo da educação linguística para outras práticas linguísticas.

A partir da pluralidade da LA, outros termos aparecem para se referir a prática de pesquisa e atuação em contextos específicos, como a Linguística Forense (Olson, 2008; Vichi, 2021), que utiliza da metodologia da LA para investigar o uso da linguagem no ambiente jurídico e criminal. Em definição, Olsson (2008) pontua:

Em seu sentido mais amplo, podemos dizer que a Linguística Forense é a interface entre linguagem, crime e lei, onde a lei inclui aplicação da lei, questões judiciais, legislação, disputas ou procedimentos legais, e até mesmo disputas que envolvem apenas potencialmente alguma infração da lei ou alguma necessidade de procurar um remédio legal (Olsson, 2008, p.3).¹

A Linguística Forense é, portanto, um campo transdisciplinar em que a linguagem atravessa as barreiras do Direito e da Criminologia, já que em todos os processos existentes

¹In its broadest sense we may say that Forensic Linguistics is the interface between language, crime and law, where law includes law enforcement, judicial matters, legislation, disputes or proceedings in law, and even disputes which only potentially involve some infraction of the law or some necessity to seek a legal remedy. Neste artigo, as traduções do inglês para o português foram realizadas pelos autores.

dentro desses campos são efetivados a partir do uso da linguagem, como na elaboração de leis, de sentenças condenatórias, de laudos periciais, de depoimentos de testemunho ou acusação, entre outros processos. Na esfera internacional, a LF, ainda que recente, já se consagra no campo da linguagem pelo seu potencial na perícia e investigação criminal (McMenamin, 2002; Fitzgerald², 2004, 2006; Gibbons; Turell, 2008; Coulthard, 2004, 2006, 2017, 2020; Olsson, 2008; Sousa-Silva, 2013, 2016, 2020; Queralt, 2021).

Como apresentado anteriormente, o termo *Forensic Linguistics* aparece pela primeira vez em uma análise linguística dos depoimentos de Evans, em Gotemburgo, na Suécia, pelo especialista em linguística de Corpus, Jan Svartvik. As análises foram apresentadas sob a forma de monografia, contendo parte primeira e segunda, para a revista *Gothenburg Studies in English* da Acta Universitatis Gothoburgensis em 1968.

Este caso e esta análise inspiraram outros linguistas a pesquisarem cada vez mais sobre a linguagem utilizada dentro deste contexto social, tanto dentro da investigação dos casos quanto dentro dos processos jurídicos. Entretanto, vale ressaltar que Svartvik não necessariamente foi o primeiro linguista a se interessar pelo uso da linguagem em contextos legais, mas foi um dos primeiros a trazer evidências do uso da linguagem como prova investigava em um caso real e, também, foi o primeiro a nomear este trabalho como *Forensic Linguistics* (McMenamin, 2002; Olsson, 2008).

No Brasil, a área da LF vem se desenvolvendo mais fortemente nos últimos anos. Em um breve mapeamento das pesquisas de Pós-Graduação (teses e dissertações) em LF no Brasil, segundo a buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fuccio e Lima (2023) chegaram a um resultado de apenas 19 pesquisas entre os anos de 2013 e 2021. Com isso, a primeira análise dos dados obtidos foi a de que há mais pesquisas sendo realizadas dentro dos PPGs de Língua e Linguagem do que em PPGs próprios de Linguística Aplicada, ao contrário do que acontece no exterior, sendo a maior das pesquisas realizadas na grande área da LA, sendo localizadas apenas duas, sendo elas: A pesquisa de doutorado intitulada *Posicionamento e linguística forense: uma análise mediada pela Linguística de Corpus* de autoria de Agnes dos Santos Scaramuzzi Rodrigues e defendida no PPG Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade

² Perfilador do FBI no caso *The Unabomber* (1995), descoberto a partir da análise linguística do manifesto terrorista e das cartas pessoais de Theodore Kaczynski. Para detalhes do caso, vide Lima e Fuccio (2022).

Católica de São Paulo - PUC-SP em 2016; e, a pesquisa de doutorado intitulada *Linguística de Corpus e a Linguística Forense: a questão da autoria.* de autoria de Zeli Miranda Gutierrez Gonzalez e defendida no PPG Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP em 2019.

Além disso, percebemos que as pesquisas nacionais se voltam para a Linguística Forense no sentido *Lato Sensu* do termo, ou seja, é trabalhada de forma ampla e abrangente aos tópicos da Linguagem do Direito, Linguagem em contextos legais, já o *Stricto Sensu*, da linguagem como Evidência, a que menos aparece. São poucas, ainda, as pesquisas sobre atribuição de autorias de textos forenses (Almeida, 2014), ou que trabalhem diretamente com a investigação criminal através da linguagem como evidência, ou de trabalhos que divulguem casos nacionais e internacionais que foram solucionados pela LF (Queralt, 2021; Lima e Fuccio, 2022). Em vista disso, o estudo dos depoimentos de Timothy Evans feito por Svartvik e a divulgação dessas análises reforçam e ampliam os estudos dentro da LF com o objetivo de que integre cada vez mais o ambiente criminal. Ao mesmo tempo, nota-se a ausência de discussões mais detalhadas do trabalho, para além de seu pioneirismo histórico. Por isso, após apresentarmos um detalhamento não apenas do contexto histórico, mas de sua relação com o que posteriormente ficou convencionado como Linguística Forense, na próxima seção propomos um resgate ao percurso metodológico e analítico do trabalho de Svartvik (1968).

REVISITANDO O LEGADO DE JAN SVARTVIK

Nesta seção abordaremos as especificidades da análise de Svartvik (1968) sobre os depoimentos de Timothy Evans. Antes de adentrarmos na análise em si, é importante que antecipadamente deixarmos aqui as razões usadas pelo próprio Jan Svartvik para justificar a importância da análise dos depoimentos de Timothy Evans para a comunidade acadêmica, sendo assim:

Esta entrada no campo relativamente não cultivado da "linguística forense" tem sido interessante por várias razões, mas duas em particular. Em primeiro lugar, proporcionou ao linguista uma das raras oportunidades de fazer uma contribuição que poderia ser diretamente útil para a sociedade. Tal afirmação não implica que a utilidade deve ser o objetivo da pesquisa linguística, apenas que, de vez em quando, é bom para o linguista saber que ele pode ser útil e que a linguística aplicada não precisa ser idêntica ao ensino de idiomas ou à tradução automática. Em segundo lugar, destacou nosso conhecimento inadequado atual de como a linguagem é usada em várias situações. Se sente que a sociolinguística é negligenciada em comparação com outros ramos do

estudo da linguagem. (Svartvik, 1968, prefácio)³

O trecho em destaque se refere a uma parte central do prefácio de seu texto monográfico. Nesse sentido, é importante chamarmos a atenção para os momentos em que Svartvik (1968) menciona que, como primeira razão, a Linguística Forense é uma das áreas em que o estudo da linguagem se faz efetivamente útil para a sociedade, isto é, se trata de um campo em que a análise linguística pode ser decisiva não só para um julgamento específico, mas para a vida de alguém. Depois, é mencionado que o trabalho da Linguística Forense pertence ao campo da Linguística Aplicada (LA) e que isso significa que a LA não mais precisa se restringir à temática de ensino de línguas ou da tradução, como se fosse uma mera aplicação da ciência irmã (Linguística Teórica).

Como segunda razão, Svartvik frisa que o conhecimento sobre os diversos usos da linguagem, em diversos contextos sociais é negligenciado, e que se sente que não é dada a devida importância para a área da sociolinguística, sendo ela também um campo que busca estudar a língua inserida em contextos de uso. Essa razão é mencionada porque no momento em que Svartvik fazia a análise dos depoimentos, isto é, entre 1967 e 1968, não havia trabalhos priorizando o uso da linguagem dentro do ambiente policial ou judicial, isso quer dizer que não existiam perícias técnicas sobre qual era o uso da linguagem dos agentes participantes do depoimento e do julgamento de Timothy Evans, o que seria essencial para uma análise muito mais assertiva sobre o caso. Ainda no prefácio do texto, Svartvik agradece o Secretário do Comitê Timothy John Evans, Harry Wolfe, que tornou possível o acesso ao material completo e inédito do Inquérito de Evans (*Brabin Inquiry*, que inocenta Timothy) e se mostrou disponível a compartilhar o seu conhecimento sobre o caso.

Em seguida, Svartvik iniciou a sua análise explicando qual era o contexto jurídico que se tinha sobre o caso até o ano de 1961 (11 anos depois da condenação e morte de Timothy) e que motivou a produção da análise dos depoimentos de Timothy. É explicado que o debate, antes do Inquérito de Brabin, considerava apenas os depoimentos feitos na delegacia de Notting

³ This sally into the relatively uncultivated field of “forensic linguistics” has been interesting for a number of reasons, but two in particular. Firstly, it has provided the linguist with one of those rare opportunities of making a contribution that might be directly useful to society. Such a statement does not imply that utility should be the goal of linguistic research, only that, once in a while, it is good for the linguist to know that he can be useful, and that applied linguistics need not be identical with language teaching or machine translation. Second, it has highlighted our present inadequate knowledge of how language is used in various situations. One feels that sociolinguistics is neglected in comparison with other branches of language study. (Svartvik, 1968, preface)

Hill (NH1 e NH2), nos quais especificamente foi possível notar algumas contradições nas declarações de Evans. Tais contradições foram apontadas anteriormente por Ludovic Kennedy (1961), um jornalista bastante conhecido na época, que analisava e escrevia sobre casos criminais. No texto intitulado *Ten Rillington Place* o autor chega a afirmar que ambas as confissões eram falsas⁴. Já Svartvik (1968) afirma que os depoimentos apresentam um grande número de características que o especificam, o que não é o esperado de uma pessoa analfabeta daquele período. Todavia, o linguista sueco não deu garantia de chegar em conclusões legais sobre o caso, tendo em vista o próprio pioneirismo de sua análise para a época, e afirmou cautelosamente que o interesse deste estudo era primeiramente linguístico, e secundamente de natureza legal.

É importante sempre lembrar que um grande limitador de análises linguísticas, em geral, é a quantidade de material disponível. Há casos criminais em que o material linguístico disponível é tão grande que é possível produzir análises bem detalhadas sobre o idioleto do sujeito em questão. Vimos isso no caso *The Unabomber*, em que além de haver um manifesto de 35 mil palavras, também foi permitido o acesso a mais de 100 cartas escritas pelo suspeito, Theodore Kaczynski (Lima; Fuccio, 2022). Entretanto, no caso de Timothy Evans, unindo os dois depoimentos feitos na delegacia de polícia de Merthyr Tydfil (MT1 e MT2) e os outros dois feitos na delegacia de polícia de Notting Hill (NH1 e NH2) há um total de apenas 4.861 palavras. Svartvik ilustra com a seguinte equação:

MT1 = 1.038 palavras

MT2 = 1.782 palavras

NH1 = 0.105 palavras

NH2 = 1.936 palavras

Total = 4861 palavras

Fonte: traduzido de Svartvik (1968, p.20)

Esse dado significa que o material linguístico disponível para análise não é extenso, o que dificulta uma produção detalhada sobre o idioleto de Timothy Evans. Porém, Svartvik se

⁴ Both these ‘confession’ are demonstrably false. (Kennedy, 1961, p.104).

beneficiou de informações cedidas pelo secretário do Comitê Timothy John Evans e pelos inquéritos existentes sobre o caso, e antes de iniciar propriamente a análise linguística dos depoimentos, teve acesso a algumas informações relevantes sobre quem foi Timothy Evans. Algumas informações importantes foram que: no Inquérito Legal⁵ de 1950, o médico oficial da prisão de Pentonville, Dr. Coats, assegurou que Timothy teria uma idade mental de 10 de idade. O professor Curran, membro do Inquérito de 1950 acrescenta: “a inteligência de Evans foi medida em 10-11 anos por causa de sua falta de educação formal, mas que ele tinha um vocabulário de uma pessoa de 14 anos”⁶ (Svartvik, 1968, p.20), essa informação é de extrema importância, pois, de fato, justifica algumas escolhas lexicais contidas nos depoimentos que veremos mais à frente.

Outro fator que também foi levado em consideração é de que, o escrivão que datilografa tudo o que o sujeito diz em um interrogatório faz escolhas gráficas, por exemplo, ao escolher entre as formas abreviadas de completas “*he’d*” e “*he would*” (verbo modal auxiliar de passado em inglês). Nesse sentido, é possível observar que há algumas marcas gráficas, principalmente de um depoimento para outro, que revelam escolhas, conscientes ou inconscientes do policial escrivão, pois não representam falas esperadas de uma pessoa analfabeta como Evans. Por exemplo, “the 12.55 a.m. train” (trem de 12:55), visto em NH2:102, mas em depoimentos anteriores (MT1:162 e MT2:102) é utilizado “the five to one train” (o trem de cinco para uma) para o mesmo evento, ou seja, duas formas muito distintas para mesma pessoa falar sobre as horas.

Nessa linha, Svartvik elaborou uma tabela para indicar dois tipos de usos das horas nos depoimentos, sendo o tipo 1, quando se refere às horas na formulação como “six in the evening” (seis da noite - mais geral) e o tipo 2, quando se refere às horas na formulação como “9.55 p.m.” (mais específico). Com a leitura da tabela, se conclui que nos depoimentos MT1 e MT2, o tipo 1 é usado unanimemente, já em NH2 o tipo 2 é muito mais frequente, havendo quinze instâncias e apenas três do tipo 1. Essa variação acontece principalmente por causa de se tratar de depoimentos produzidos em delegacias de polícia diferentes e por agentes diferentes, na delegacia de Merthyr Tydfil, com detetive G. H. Evans e em Notting Hill, com o detetive inspetor J. N. Black.

⁵ Tradução livre para “Statutory Inquiry”.

⁶ Evans intelligence was measured at 10-11 years because of his lack of education, but that he had a vocabulary of a person of 14 years.

Outras marcas linguísticas também foram localizadas ao longo dos depoimentos e que, desta vez, são esperadas de uma pessoa analfabeta. Além dos exemplos em inglês, sugerimos algumas traduções livres para compreender como Evans se expressa fora do padrão gramatical da época. Tais marcas foram organizadas na tabela a seguir.

Tabela 1: Marcas linguísticas que identificam Timothy como analfabeto⁷.

Marcas	Trechos	Depoimento
Negativas duplas	(1) “She never said no more about it then... (ela nunca disse mais nada mais sobre isso, então...)” (3) “... I didn’t want nothing to do with it...” (...Eu não queria nada com isso não ...)	MT1:13 MT2:15
Verbos substantivados	(5) “She asked me where Beryl and the baby was .” (Ela me perguntou onde Beryl e o bebe tavam .) (6) “... I sat down, my wife walked in so I said, ‘I thought you was going to Brighton?’” (Eu sentei, minha esposa entrou e eu falei, ‘Achei que tu ia pra Brighton?) (7) “I done my days work and got home about 5:30 p.m. that Wednesday evening. (Eu cabei meu dia de serviço e cheguei em casa por volta de 5:30 naquela noite de quarta.) (8) “I done my day’s work and then had an argument with the Guvnor then I left the job. He give me my wages before I went home.” (Eu cabei meu dia de trabalho e tive uma briga com meu patrão, aí eu saí do trabalho. Ele me dá meus pagamentos antes que eu fosse embora.) (9) “Then I come the five to one train Paddington and I came down to Merthyr Vale and I’ve been down here ever since” (Aí eu veio às cinco pra uma no trem Paddington e eu desci em Merthyr Vale e estou aqui desde então”)	MT2:80 NH2:33 NH2:69 NH2:80-1 MT1:62 MT2:14 MT1: 62

⁷ Há nesta tabela algumas das marcas mencionadas no texto original de Jan Svartvik. Muitas das variações são repetidas e aqui buscamos mencionar alguns formatos. (Svartvik, 1968, p.22-24). Sugerimos uma tradução livre em português dos dizeres de Evans, para tentar ilustrar o uso desviante da norma padrão (erros de gramática e traços de informalidade) que caracteriza um dos principais argumentos de Svartvik sobre a discrepância linguística entre os vários depoimentos. No entanto, ressaltamos que algumas dessas tentativas perdem seu significado total de uma língua para outra. Por fim, destaques em negrito constam no original.

Uso inferior de pronomes relativos	(29) <i>"I was doing quite a lot of overtime for the firm working late, which I used to earn altogether £6 to £7 a week. Out of that my wife used to go to the firm on a Friday and my Guvnor used to pay her £5 what she used to sing for. Perhaps through the week I would have to give her more money off different people from which I used to borrow it. I used to pay them back on a Friday out of my own pocket."</i> ("Eu estava fazendo um monte de horas extras para a empresa trabalhando até tarde, que eu costumava ganhar no total de £ 6 a £ 7 por semana. Fora disso, minha esposa costumava ir ao escritório em uma sexta-feira e meu Xefe costumava pagar £5 o que ela costumava cantarolar. Talvez durante a semana eu teria que dar a ela mais dinheiro das diferentes pessoas de que eu costumava pedir emprestado. Eu costumava pagar de volta em uma sexta-feira do meu próprio bolso.")	NH2:10-13
Uso de idioleto analfabeto	(27) <i>"In a fit of temper I grabbed a piece of rope from a chair which I had brought home off my van and strangled her with it"</i> ("Em um ataque de raiva, eu peguei um pedaço de corda de uma cadeira que eu tinha trazido para casa da minha van e a estrangulei com ele") (28) <i>"He handed me the money which I counted in his presence."</i> ("Ele me entregou o dinheiro que eu contei na sua presença.") (29) <i>"The same night I caught the 12:55 a.m. train from Paddington to Cardiff and made my way to 93 Mount Pleasant, Merthyr Vale, where I stayed my Uncle, Mr. Lynch."</i> ("Na mesma noite eu peguei o trem das 12:55 a.m. de Paddington para Cardiff e fiz meu caminho até 93 Mount Pleasant, Merthyr Vale, onde fiquei com meu tio, Sr. Lynch.")	NH2:47 NH2:104 NH2:106

Fonte: Adaptado de Svartvik (1968, p. 22-24).

Diante da tabela 1, é nítido que há um número muito grande de irregularidades linguísticas nos depoimentos, desde usos extremos de coloquialismos (os desvios da norma padrão) até a constante repetição lexical, como o "of used to" no trecho (24), todas essas são marcas que confirmam um uso esperado pelos padrões linguísticos de Evans, trechos que não demonstram interferência dos escrivães. Ainda assim, Svartvik lamentou que os depoimentos não tenham vindo diretamente de Timothy e sim, datilografados por dois policiais e pelo texto

não ter sido conferido diretamente pelos olhos de Timothy, já que os policiais leram o que foi escrito e Timothy concordou (visação relatada em MT1, MT2 e NH2, em NH1 não há menção a leitura dos policiais).

Em seguida, Svartvik restringiu o corpus e elegeu os depoimentos MT2 e NH2 como os mais importantes pelas seguintes questões: NH2 é o depoimento mais completo e o único em que Timothy confirma ter dito somente a verdade, e MT2 é o depoimento em que o curso dos eventos são paralelos aos eventos mencionados em NH2. Com isso, os dois depoimentos foram divididos em três partes (a), (b) e (c), pelas razões de que, a parte (b) corresponde a trechos em que contém informações sobre o momento dos assassinatos, diferente das partes (a) e (c). Além disso, NH2 também foi dividido em 5 parágrafos⁸, o parágrafo 1 corresponde à parte (a), os parágrafos 2, 3 e 4 correspondem a parte (b) e o parágrafo 5 corresponde à parte (c). A divisão foi organizada em uma tabela para que fosse possível visualizar o paralelismo entre os depoimentos.

Tabela 2: Descrição do paralelismo presente nos depoimentos MT2 e NH2.

Partes	MT2	NH2
Parte A	Terça-feira de manhã: Descrição da conversa entre Christie e Evans sobre o aborto de Beryl. Christie é a favor e Evans não.	(Parágrafo 1) Terça-feira de manhã: Descrição da rotina do casal e de brigas e discussões entre o Sr. e a Sra. Evans por razões financeiras.

⁸ A divisão das partes foi feita pelo Juiz Brabin na discussão do depoimento (Svartvik, 1968, p.35 apud Brabin, Report, p.99).

Parte B	Durante terça, quarta e quinta-feira: Evans chega do trabalho e encontra a sua esposa morta. Christie diz que o processo abortivo a matou e levaram o corpo para a casa de Mr Kitchener. Evans segue os dias trabalhados e Christie cuida de Geraldine. Evans esconde o corpo de Beryl no bueiro.	(Parágrafo 2) Terça-feira: Evans chega em casa do trabalho, estrangula a esposa, esconde o corpo na casa de Mr Kitchener. (Parágrafo 3) Quarta-feira: Evans segue os dias trabalhando e cuidando de Geraldine, até que um dia Evans tem uma briga com o chefe. (Parágrafo 4) Quinta-feira: Evans chega do trabalho e também estrangula Geraldine, leva os dois corpos para a lavanderia.
Parte C	Durante sexta, sábado, domingo, segunda-feira e terça-feira: Evans vende sua mobília do apartamento e pega o trem para Paddington às 12:55 a.m.	(Parágrafo 5) Durante sexta, sábado, domingo, segunda e terça-feira: Evans vende a mobília do apartamento e vai para Paddington às 12:55 a.m.

Fonte: Adaptado de Svartvik (1968, p. 26).

A partir da organização do depoimento na tabela, é possível visualizar o paralelismo mencionado por Svartvik. Na parte (a) é descrito um pouco da rotina de Evans no início da semana (terça-feira), na parte (b) os dias seguintes em que ocorrem o assassinato da esposa e filha de Evans (quarta e quinta-feira), e na última parte (c) Evans vai embora da casa onde morava pegando o trem de 12:55 da manhã de terça-feira da semana seguinte.

Após a organização do corpus, Svartvik (1968) partiu para a análise de cada sentença, levando em consideração o tamanho pequeno do corpus, e definiu como mais relevante a forma como os tipos de sentenças combinavam com as funções utilizadas. Foram analisados seis tipos estilísticos de sentenças (A-livre, B- móvel, C- imóvel, D- elíptico, E- conjuncional e F-relativa)⁹, aqui fizemos uma simplificada categorização das sentenças e dos exemplos:

⁹ Não foi usado um tipo específico de classificação de sentenças, estas apresentadas são referentes a pesquisas relacionadas ao uso da Língua Inglesa na University College London. Mais informações em *On Voice in the*

Tabela 3: Categorização e exemplificação de sentenças.

Tipos de sentenças	Definição dos tipos	Exemplos
Tipo A - livre	Não contém marcas de formalidade.	<i>"I was working for the Lancaster Food Products of Lancaster Road"</i> ("Eu estava trabalhando para a Lancaster Food Products da Lancaster Road") (NH2:1)
Tipo B - relator móvel	O relator da estrutura é móvel, podendo se mover para antes ou depois do sujeito, em seguida do verbo (relator-sujeito-verbo ou sujeito-relator-verbo)	<i>"I than made my baby same food and fed it, than I sat with the baby by the fire for a while in the kitchen."</i> ("Eu fiz a mesma comida para o meu bebê e o alimentei, me sentei com o bebê perto do fogo por um tempo na cozinha") (NH2:51)
Tipo C - relator imóvel	Mantém a estrutura imóvel, como relator-sujeito-verbo.	<i>"My wife was always moaning about me working long hours so I left there..."</i> ("Minha esposa estava sempre reclamando sobre eu estar trabalhando longas horas, então eu saí de lá...") (NH2:2)
Tipo D - elíptico	O sujeito é mencionado uma primeira vez e subentendido posteriormente.	<i>"I then put the baby back in the cot and sat down in the kitchen and waited for Christies downstairs to go to bed"</i> ("Eu então coloquei o bebê de volta no berço e me sentei na cozinha e esperei pelo Christie lá embaixo para ir para a cama") (NH2:88)
Tipo E - conjuncional	Contém marcas de formalidade que se ligam a uma conjunção.	<i>"He then asked me if it was paid for"</i> ("Ele então me perguntou se estava pago"). (NH2:99)
Tipo F - relativa	Uso de palavras como "who", "which", "that".	<i>"He handed me the money which I counted in his presence."</i> ("Ele me

English Verb (Janua Linguarum, Série Practica 63, The Hague, 1966).

		entregou o dinheiro que contei em sua presença"). (NH2:104)
--	--	---

Fonte: Adaptado de Svartvik (1968, p. 30-31).

Unindo a categorização de sentenças à divisão por partes do depoimento NH2, Svartvik observou que o Tipo A é mais frequente na parte (a) (41,4%), o Tipo B é mais frequente na parte (b) (20,5%), o Tipo C é mais frequente também na parte (a) (17,2%), o tipo D é mais frequente também na parte (b) (33,6%) , o Tipo E é mais frequente na parte (c) (25%) e o Tipo F é mais frequente também na parte (c) (10,4%).

Neste momento, o que mais chamou a atenção de Svartvik foi que, uso da sentença de Tipo B e de Tipo D que apareceram 20,5% e 33,6% na parte (b) enquanto esses mesmos Tipo aparecem apenas 3,9% e 4,2% ou 13,3% e 18,8% nas partes (a) ou (c), ou seja, há uma diferença drástica na frequência de sentenças. Especialmente o Tipo D - elíptico, chamou mais a atenção por se tratar de uma forma não muito convencional de se usar com tanta frequência dentro de um discurso não preparado, como em um retrato falado de eventos.

Svartvik também realizou a mesma análise de tipos de sentenças com o depoimento MT2 e obteve o seguinte resultado: o Tipo A é mais frequente na parte (c) (45,2%), o Tipo B é mais frequente na parte (a) (45,2%), o Tipo C é mais frequente também na parte (c) (11,9%), o Tipo D é mais frequente também na parte (c) (19%), o Tipo E é mais frequente na parte (a) (28%), e o Tipo F é mais frequente também na parte (a) (8,5%). A comparação entre os tipos de sentenças presentes em cada uma das partes de cada um dos depoimentos mostra que, o depoimento MT2 não é esteticamente significativo quanto NH2, já que as porcentagens de dos tipos de sentenças nas partes de MT2 são mais bem distribuídos do que em NH2. Também há mais compatibilidade dos tipos de sentenças entre as partes NH2 (a), NH2 (c), MT2 (a), MT2 (b) e MT2 (c), há uma predominância maior do tipo A, já na parte NH2 (b), há uma maior predominância do tipo D. O tipo B é o terceiro tipo de sentença mais comum em NH2 (b), mas é presente de forma muito inferior nas outras 5 partes, levando ao entendimento lógico de que NH2 (b) é o trecho que apresenta uma variação linguística fora dos padrões.

Por essa razão, Svartvik ainda realizou uma análise mais detalhada sob o depoimento NH2, a partir da divisão de 5 parágrafos vista anteriormente (tabela 2). A parte (a) compreende ao parágrafo 1, a parte (b) aos parágrafos 2, 3 e 4, e a parte (c) ao parágrafo 5, sendo que os parágrafos 2 e 4 contém o relato de assassinato de Beryl e Geraldine. Em função disso, Svartvik

realizou a mesma análise dos 6 tipos de sentenças, porém, observando os parágrafos 1, 3 e 5 em conjunto e, em seguida, os parágrafos 2 e 4. Assim, foi observado que, no parágrafo 1, 3 e 5, o Tipo A (livre) é o mais dominante, já nos parágrafos 2 e 4, o Tipo D (elíptica) de forma expressiva.

Por fim, a conclusão das análises indica que há uma conexão entre o conteúdo e o estilo das sentenças, essa conexão foi definida pelo grau de emoção presente em cada trecho do depoimento. Quando houve um grau “neutro” de emoção, foi utilizado um tipo de sentença e quando houve um grau “carregado” de emoção, foi usado outros tipos de sentenças. As razões para o uso de determinado tipo de sentença a partir de determinado grau de emoção não foram compreendidas pelo linguista e essa questão foi deixada em aberto.

A análise de Svartvik demonstrou as discrepâncias estilísticas presentes em todos os quatro depoimentos, como visto na tabela 1, e que em suma, demonstram uma forte interferência da língua escrita policial na fala de Evans. A escolha de aprofundamento das análises nos depoimentos MT2 e NH2 foram fulcrais por apresentarem uma narrativa mais completa, com mais informações detalhadas e condizentes entre si, e por ser NH2, o único depoimento em que Timothy afirma ser todo verdadeiro, além de serem definidos seis tipos de estilísticos de sentenças para análise. Em NH2, notou-se que as partes (a) e (c) contém variedades similares de tipos de sentenças, mas a parte (b) se diferencia drasticamente desse padrão, apresentando, inclusive, um estilo mais próximo do estilo escrito da língua (Tipo D), sobretudo nos parágrafos 2 e 4 da parte (b).

Em resumo, Svartvik chegou a três conclusões: a primeira, o material de análise é bastante pequeno, o que dificulta a realização de uma análise consistente do idioleto de Evans; em segundo, a linguagem utilizada nos depoimentos não vieram diretamente de Timothy Evans, havendo uma linguagem “artificial” produzida pelo policial gerando uma representação gráfica do discurso de um sujeito analfabeto; e terceiro, o pouco conhecimento [na época de Svartvik] sobre o uso da linguagem em diferentes contextos, gerando dificuldades de interpretação dos resultados da análise.

Em uma análise anterior a de Svartvik, feita pelo Juiz Brabin, que culminou na elaboração do inquérito que inocenta Timothy Evans, Brabin concluiu que os parágrafos 1, 3 e 5 de NH2 são verdadeiros, os parágrafos 2 e 4 são falsos, com a justificativa de que, se não houve inquietação mental por parte de Timothy durante os relatos em MT2, não teria porque haver inquietação nos relatos dos mesmos eventos em NH2, conforme o quadro a seguir:

Tabela 4: Conclusões no inquérito de Brabin.

Partes	Parágrafos	Teor	Parecer
Parte a	Parágrafo I	Descrição da rotina do casal e de brigas e discussões entre o Sr. e a Sra. Evans por razões financeiras.	Verdadeiro
Parte b	Parágrafo II	Descrição detalhada do assassinato da Sra. Evans e descarte do corpo.	Falso
	Parágrafo III	Rotina de Evans com a bebê, cuidados com a criança e briga com o chefe.	Verdadeiro
	Parágrafo IV	Descrição detalhada do assassinato da filha Geraldine e descarte do corpo.	Falso
parte c	Parágrafo V	Venda da mobília do apartamento e fuga de Evans para Paddington	Verdadeiro

Fonte: Adaptado de Svartvik (1968, p.46, baseado em *Brabin Report*, p.102)

Svartvik finaliza reafirmando que, independentemente do que poderia significar juridicamente estes resultados, os fatos são que, em NH2, os parágrafos 1, 3 e 5 continham determinados tipos estilísticos de sentenças, mais próximos da linguagem falada de um analfabeto, e os parágrafos 2 e 4, continham uma grande discrepância estilística dos primeiros, sendo mais próxima de uma linguagem escrita. Além do fato de ser exatamente nos parágrafos 2 e 4 onde ocorreram os relatos mais intensos do momento do assassinato de Beryl e Geraldine, o que coloca sob suspeita a confiabilidade dos registros escritos.

O LEGADO DE JAN SVARTVIK PARA A LINGUÍSTICA FORENSE HOJE

Visando uma melhor compreensão sobre a origem da área da Linguística Forense e de todo o seu percurso histórico, é importante analisarmos a formação profissional do linguista Jan

Svartvik, por ter sido ele quem cunhou o termo *Forensic Linguistics* e deu início ao estudo especializado da área. Jan Svartvik é PhD em Linguística de Corpus (LC) e trabalhou como professor de inglês na Lund University, Suécia e, após o seu doutoramento na University of Uppsala, também na Suécia, passou a palestrar em outras universidades da Europa, sobretudo na Inglaterra, além de formar parcerias com outros linguistas especializados em Linguística de Corpus como Randolph Quirk, W. Nelson Francis, Henry Kucera (Kucera desenvolveu o *corpus Brown*, o primeiro corpus eletrônico em 1964). Svartvik junto a Quirk, desenvolveram a famosa *Comprehensive Grammar of the English Language*, um compilado eletrônico de categorias gramaticais automatizadas para reconhecer cada palavra no inglês britânico. Svartvik e sua equipe também elaboraram o *London-Lund Corpus* em 1989 - versão eletrônica do corpus Survey of English Usage (SEU), elaborado por Randolph Quirk em 1953. O SEU foi um corpus não computadorizado que serve de modelo de formatação para corpus atuais (Sardinha, 2000).

Dada algumas das principais atividades do linguista Svartvik, além de sua análise sobre o caso Evans, é de suma importância nos atentarmos para o fato de que, sendo ele um linguista de corpus formado por volta dos anos de 1950, época em que a tradição estruturalista saussuriana, isto é, corrente que visa estudar a estrutura da língua, vigorava (Sperança-Criscuolo, 2014). Porém, no final dos anos 50, Noam Chomsky apresenta à sociedade acadêmica o *Syntactic Structures*, um trabalho que mudou os paradigmas na linguística dando vazão para o gerativismo chomskyano, que visa estudar a língua como uma capacidade inata, através de uma gramática universal. Ainda que haja críticas ao gerativismo, sem dúvida marcou bastante os estudos realizados dentro da Linguística Teórica (Sperança-Criscuolo, 2014), bem como a LA e a LF. Mesmo em face desses dois paradigmas que davam pouca atenção ao aspecto social do uso da língua, Svartvik propõe análises sintática e semânticas que levavam em conta o sujeito histórico vitimado por depoimentos aparentemente escritos formalmente pelos policiais.

No texto sobre o caso Evans, é possível notarmos como a formação de Svartvik na Linguística de Corpus (LC) é influente na análise linguística empreendida. Na LC há uma série de critérios essenciais para que haja de fato um estudo dentro da LC, que são, segundo Sardinha (2000, p.336-337):

- (a) O corpus deve ser composto por textos autêntico em linguagem natural;
- (b) O corpus deve ser composto por textos escritos (ou falados) por falantes nativos;

- (c) O conteúdo do corpus deve ser escolhido criteriosamente;
- (d) O corpus deve ser representativo de uma língua ou uma variedade;

Neste momento, observamos que a análise de Svartvik foi feita a partir de um corpus composto por textos transcritos e autênticos, sendo ele os quatro depoimentos de Timothy Evans (a e b), o conteúdo do corpus também foi escolhido criteriosamente, por se restringir apenas nos depoimento de Timothy sobre o caso e, avançando na análise, no momento em que Svartvik decide considerar apenas os depoimentos MT2 e NH2, por serem os mais completos e verdadeiros segundo o próprio Timothy Evans (c), e ainda, os depoimentos representam uma língua, neste caso uma variedade informal usada por uma pessoa considerada iletrada (d).

Outras definições da LC são bem colocadas por Sardinha (2000, p. 353), como:

- a) Foco no desempenho linguístico;
- b) Foco na descrição linguística
- c) Foco numa visão mais empirista do que racionalista da pesquisa racionalista

O foco das pesquisas dentro da LC é reforçado na análise da performance linguística dentro do corpus, o que é muito evidente na análise do caso Evans, já que todo o estudo de Svartvik foi baseado nas estruturas sintáticas utilizadas nos depoimentos. Svartvik faz questão de chamar a atenção para os tipos de estruturas utilizadas por Timothy, as repetições ou vícios de linguagem e, principalmente, as estruturas que fogem do padrão esperado e pré-estabelecido por Timothy em seu discurso. As características da Linguística de Corpus se fazem muito presentes na análise dos depoimentos e não à toa, Svartvik embasa toda organização do estudo do discurso de Evans através da divisão do discurso em partes guiadas pela semântica (a, b e c) e determina tipos de sentenças guiadas pela sintaxe (tipo A - livre, tipo B - relator móvel, tipo C - relator imóvel, Tipo D - elíptico, tipo E - conjuncional e tipo F - relativa). Desse modo, a análise de Svartvik é metodologicamente feita através da Linguística de Corpus.

Esta análise levou ao pioneirismo do termo *Forensic Linguistics* e, como já vimos, foi importante para que a nova área fosse tomando forma e se tornando, de fato, um campo de estudo em vários países. Desde a sua publicação em 1968, a Linguística Forense foi sendo trabalhada dentro de outras áreas da Linguística tradicional, sendo realizadas análises de textos forenses voltados para a identificação de atritos linguísticos pela morfologia, a sintaxe, a semântica, a ambiguidades léxico-gramatical, entre outros. Por outro lado, também há uma crescente especialização de profissionais em linguística forense que se preocupam em

compreender a pragmática da língua, a atenção para casos falantes nativos ou não-nativos, a identificação de idioletos e revelação de casos de plágios, além da reflexão sobre transcrições de textos de testemunhos, depoimentos e entrevistas policiais em geral (Coulthard, 2004).

A Linguística Forense se beneficia da Linguística de Corpus, mas não se limita a ela. Ao compreendermos que a LF é uma área inter/transdisciplinar, dialogando diretamente com a área do Direito, e onde quer que haja material linguístico dentro dos contextos jurídico e criminal a LF pode atuar, também percebemos que a metodologia que será empregada dentro de uma análise de LF pode variar a partir da necessidade do caso e da abordagem do linguista atuante. Por outro lado, algo que já se aproxima do consensual é que a Linguística Forense se molda na Linguística Aplicada, como o próprio Jan Svartvik postula no prefácio do texto. A LA é um alicerce para que os novos campos de estudo do uso da linguagem em contextos variados possam se embasar, buscando ainda formas mais sensíveis de analisar as subjetividades do uso da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: MAIS CASOS PARA A LINGUÍSTICA FORENSE

A Linguística Forense (LF) é uma área que vem se desenvolvendo dentro dos estudos da linguagem de maneira rápida no contexto brasileiro, como visto em estudos anteriores. Cada vez mais são realizadas pesquisas e, por consequência, a divulgação científica vem crescendo. Porém, voltando ao início de tudo, o caso inaugural da Linguística Forense (*Forensic Linguistics*), se deu em 1968 por meio da análise da autoria dos depoimentos de Timothy Evans, pelo linguista sueco Jan Svartvik, é nesta análise que se concentrou o nosso objeto de estudo. A constatação de que a análise de Svartvik foi um estopim para que atualmente, cerca de 55 anos depois, trabalhos em LF, na pesquisa e na perícia criminal, vigorarem em vários cantos do mundo, é essencial para que possamos entender de onde viemos e para onde vamos.

Nessa perspectiva, objetivamos neste artigo revisar o legado de Svartvik aos interessados em Linguística Forense, a respeito do caso Timothy Evans, uma vez que não há traduções do texto de análise e o acesso ao original ainda é limitado. Tivemos como objetivo geral apresentar o caso Timothy Evans através dos quatro depoimentos feitos à delegacia de polícia de Merthyr Tydfil e de Notting Hill, reconstruir a análise linguística feita sobre o corpus destes depoimentos. Além disso, buscamos fortalecer o campo da Linguística Forense e sua relação com a Linguística Aplicada. Os objetivos específicos, em sequência, foram dentro de

uma proposta de reconstrução da narrativa e o contexto histórico do caso Timothy Evans, junto às controvérsias envolvidas ao longo de todas as etapas de desenvolvimento do caso e como elas se relacionam ao campo da linguagem para compreender a sua resolução, além de analisar a proposta teórico-metodológica.

A reconstrução da narrativa de contexto do caso Timothy Evans é importante pelo fato de que, muito se comenta em artigos e capítulos de livros de LF sobre o pioneirismo da análise de Svartvik, mas pouco se fala do ineditismo de sua análise. Conhecer melhor sobre a construção narrativa do caso Evans nos ajuda a entender, por exemplo, as alterações e controvérsias no discurso presente nas declarações. O viés teórico-metodológico adotado por Svartvik parte da Linguística Aplicada, segundo o próprio Svartvik no prefácio do texto (citado na segunda parte de discussão neste trabalho), ainda que na década de 1968, ano de publicação do texto de análise, a LA ainda estivesse ampliando os seus horizontes no contexto internacional. Ou seja, a análise do uso da linguagem dentro de um contexto específico, neste caso, no âmbito jurídico, na análise de um depoimento criminal, foi algo muito inovador e, também por esta razão, difícil de ser feito nos anos sessenta.

Jan Svartvik menciona nas conclusões de seu texto de análise a dificuldade que teve de chegar a uma conclusão categórica, pois não poderia afirmar com certeza se os depoimentos de Timothy foram realmente alterados pelos policiais, e não poderia afirmar que Evans estava mentindo, como eventualmente se confirmou. Afinal, posteriormente, a polícia descobre que John Christie foi o verdadeiro assassino de Beryl e Geraldine. A partir da análise feita, não foi possível que Svartvik apresentasse conclusões categóricas sobre o caso, em função do pequeno corpus para perfilar o idioleto de Timothy, ou seja, um padrão linguístico utilizado por ele, que pudesse identificá-lo pela maneira como fala.

Além disso, também foi apontado por Svartvik que, um limitador da sua análise foi o fato de não haver conhecimento sobre o funcionamento da língua em diferentes situações, algo que compete a Linguística Aplicada, mas que naquela época, ainda não tinha se desenvolvido. Com isso, vimos como a Linguística Forense está intrínseca aos estudos da LA, já que cabe a LA compreender o uso da linguagem por diferentes óticas. Neste caso, se Svartvik tivesse acesso a como o idioleto de uma pessoa pode ser influenciado pelas próprias emoções situadas no ambiente de uso, talvez fosse possível prever com mais assertividade se as mudanças de estilísticas das sentenças utilizadas nos depoimentos de Evans, foram realmente dele ou, de fato, alterações feitas por outrem no momento da transcrição dos dados. Vale a pena mencionar

que justamente por ser comum encontrar alterações linguísticas no momento da transcrição de depoimentos jurídicos, atualmente em muitas delegacias de polícia é preferível gravar em áudio ou vídeo o depoimento do que apenas transcrevê-lo.

Em resumo, buscamos resgatar o legado de uma obra que frequentemente é citada, mas pouco se detalha sobre sua inovação de metodologia linguística. Além de um marco importante na historicidade da área, retornar ao texto décadas depois, quando a LF se desenvolveu ainda mais, é um exercício reflexivo interessante para pensar possibilidades ao campo fértil da investigação e perícia linguística no contexto brasileiro. Além do mais, buscamos somar na direção de contribuir para a divulgação científica da área, promovendo maior acessibilidade ao texto pioneiro da LF e seus vínculos com a LA, pensando nas alternativas que o linguista forense dispõe para análises mais complexas e detalhadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. **Atribuição de autoria com propósitos forenses: panorama e proposta de análise.** ReVEL, vol. 12, n. 23, 2014. [www.revel.inf.br].

ALMEIDA, D; COULTHARD, M; SOUSA-SILVA, R. **Perspectivas em linguística forense.** Universidade de Campinas. Setor de Publicações do IEL. 2020.

CAVALCANTI, M. C; SIGNORINI, I. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade.** Campinas: Mercado das Letras, 1998.

COLARES, V. **Linguagem e direito: caminhos para linguística forense.** São Paulo: Cortez, 2016.

COULTHARD, M. **Linguistas como peritos/as.** Linguagem em (dis)curso, Tubarão, v. 4, n.esp: 159-176, 2004a.

COULTHARD, M; COLARES, V; SOUSA-SILVA, R. **Linguagem e direito: eixos temáticos.** Recife: ALIDI, 2015.

COULTHARD, M; JOHNSON, A; WRIGHT, D. **An introduction to forensic linguistics: language in evidence.** 2.ed. Oxon: Routledge, 2017.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis.** Edinburgh University Press. 1999.

FUCCIO, M. F.; LIMA, F. S. **Um caso para a linguística forense: o estado-da-arte em pesquisas de pós-graduação no campo da linguística aplicada brasileira.** In: TULLIO, C.M.; HAGEMEYER, C.P.A.; GAVIOLI-PRESTES, C.M. (Orgs.). Linguística forense: reflexões e debates. Vol. 2. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2023, v. 2, p. 56-76.

GIBBONS, J; TURELL, M. T. **Dimensions of forensic linguistics**. John Benjamin B.V. (AILA Applied Linguistics Series, V.5), 2008.

Jan Svartvik PhD. **ABOUT TELA**. Disponível em: <<https://tale-forensiclinguistics.org/honorary-fellows/jan-svartvik-phd/>>. Acesso em: 13 de Jan. 2024.

GONZALEZ, Z. M. **Linguística de corpus e a linguística forense: a questão da autoria**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo - SP, 2019.

KENNEDY, L. **Ten Rillington place**. London. Gollancz, 1961.

KLEIMAN, A; VIANNA, C. A. D; GRANDE, P. B. **A linguística aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação**. Caleidoscópio, v.17, n.4, 2019, p.724-742.

KONRAD, P; OSTERMANN, A. “**tu sabes? Tu lembrás?**” **O resguardo de informações acerca dos crimes em interrogatórios policiais por meio da (com)posição de perguntas e respostas**. Revista Linguagem e Discurso, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2019.

LIMA, F. S.; FUCCIO, M. F. **Linguística forense e o caso the unabomber: pistas e investigações em linguística aplicada**. Antares: Letras e Humanidades, v. 14, n. 34, 2022, p. 10-39.

McMENAMIN, G. R. **Forensic linguistics: advances in forensic stylistics**. Boca Raton, Florida, USA: CRC Press, 2002.

MENEZES, V; SILVA, M. M; GOMES, I.F. **sessenta anos de linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos**. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES. **A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada?** In. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.Ep.1. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p.101-114.

MOITA LOPES. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

OLSSON, J. **Forensic linguistics: an introduction to language, crime, and the law**. London: Continuum, 2004.

OLSSON, J. **Forensic linguistics**. Continuum International Publishing Group, 2008.

PASCHOAL, M. S. Z; CELANI, M. A. (Org.) **Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992.

PENNYCOOK, A. **A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica**. Issues in Applied Linguistics, Califórnia. v.1, N°1, p.21-47,1990.

PENNYCOOK, A. **A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica.** In: *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Ep.1. Campinas: Mercado das Letras, 1998. P.21-46.

RODRIGUES, A. S. S. **Posicionamento e linguística forense: uma análise mediada pela linguística de corpus.** Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo - SP, 2016.

SARDINHA, T. **Linguística de corpus: histórico e problemática.** D.E.L.T.A. Vol. 16, N° 2. 2000, p. 323-367.

SILVEIRA, S. B; ABRITTA, C. S; VIEIRA, A, T. (Orgs.). **Linguística aplicada em contextos legais.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. Breve histórico dos estudos linguísticos e sua influência no ensino da língua. In: **funcionalismo e cognitivismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 17-27. ISBN 978-85-68334-45-4.

SVARTVIK, J. **The Evans statements: a case for forensic linguistics.** Goteborg: University of Goteborg, 1968.

VICHI, L. **Manual básico de linguística forense: da análise do discurso ao perfilamento em investigações criminais.** 2.ed. Rio de Janeiro, Alpheratz, 2021.